



A roça nossa de cada dia: segurança alimentar e nutricional através da produção para subsistência na Comunidade Quilombola do Baixo Acaraqui, PA.

Our daily land: food and nutritional security through subsistence production in the Quilombola Community of Baixo Acaraqui, PA.

NASCIMENTO, Elcio Costa do¹; PERUCCHI, Loyvana Carolina²

¹Universidade Federal do Rio Grande do Sul, elcioncosta@gmail.com; ² Universidade Federal do Rio Grande do Sul, loyvanac@hotmail.com

Eixo temático: Campesinato e Segurança Alimentar

Resumo: O objetivo deste texto consiste em demonstrar a importância da produção de subsistência na promoção da segurança alimentar e nutricional na comunidade quilombola do baixo Acaraqui, Abaetetuba, PA. Utilizando abordagem qualitativa, observação participante e entrevista semiestruturada como metodologias principais. Observaram-se as diferentes estratégias e atividades desenvolvidas pelas famílias para acessar uma alimentação de qualidade e culturalmente desenvolvida. Influências mercadológicas estão modificando as estratégias locais afetando a autonomia das famílias. No entanto, as roças ainda promovem o acesso a alimentação e de renda para as famílias locais, possibilitando sua manutenção na localidade e a reprodução social, cultural e econômica das famílias.

Palavras-chave: comunidades tradicionais; campesinato; hábitos alimentares.

Keywords: traditional communities; peasantry; eating habits.

Introdução

O desenvolvimento de atividades agrícolas, da pesca, da caça e do extrativismo, assim como a interação com as comunidades próximas, teve papel primordial na escolha dos territórios para a formação das comunidades quilombolas, na construção de sua autonomia, na reprodução social e a segurança alimentar e nutricional das comunidades negras amazônicas (ACEVEDO MARIN; CASTRO, 1998, 2014). É importante destacar que, no contexto amazônico, esses sistemas produtivos desenvolvidos têm origem na miscigenação de culturas e conhecimentos entre populações indígenas, européias e africanas (BRONDIZIO; NEVES, 1997; ACEVEDO MARIN; CASTRO, 1998). Atualmente, esses sistemas produtivos compõem a principal estratégia de reprodução social e segurança alimentar e nutricional dessas famílias. Essa produção é destinada para o autoconsumo e geração de renda através da comercialização em mercados locais e/ou regionais, atendendo, dessa maneira, às necessidades da unidade familiar, tanto de forma direta (o consumo) quanto de forma indireta (geração de renda), promovendo a autonomia e o acesso a outros bens necessários, porém, externos a unidade de produção.

Segundo Garcia Jr. (1983, p. 128) a manutenção de uma “lavoura de subsistência” (roça) é uma estratégia adotada pelo pequeno produtor para “garantir diretamente



uma faixa fundamental do consumo alimentar”, tornando-se, portanto, um instrumento na redução da vulnerabilidade, da insegurança alimentar e da pobreza nos estabelecimentos rurais ao se tornar uma fonte direta de alimentos e renda (GRISA; SCHNEIDER, 2008). Portanto, a alternatividade das espécies cultivadas (que possam ser vendidas e/ou consumidas) foi um fator primordial no desenvolvimento das “lavouras de subsistência”, tendo a mandioca à principal espécie cultivada (HEREDIA, 1979).

Nesse contexto, o presente trabalho objetivou analisar a importância das roças na produção de subsistência das famílias da Comunidade Quilombola do Baixo Acaraqui, Pará, e a contribuição para a segurança alimentar e nutricional da comunidade

Metodologia

A Comunidade Quilombola do Baixo Acaraqui forma junto com outras 07 comunidades o Território Quilombola das Ilhas de Abaetetuba, Pará. O acesso à comunidade é realizado por via fluvial (30 a 50 minutos de viagem), saindo da cidade de Abaetetuba, até a entrada no Rio Acaraqui. Na comunidade existem 35 (trinta e cinco) casas residenciais de madeira e/ou alvenaria, com 40 (quarenta) famílias (ITERPA, 2010). A comunidade tem como principais fontes de renda o extrativismo do açaí (*Euterpe oleracea* Mart.), do Buriti (*Mauritia flexuosa* Mart.), a pesca e a produção e comercialização da mandioca (roças). Foram entrevistadas 25 das 35 famílias locais (68,5 %). As informações foram coletadas utilizando as seguintes metodologias: observação participante, entrevista semiestruturada e registro de áudio (POULAIN; PROENÇA, 2003) e listagem livre (SANTOS; COELHO-FERREIRA, 2012).

Utilizou-se a observação participante para promover maior envolvimento entre o pesquisador e a comunidade, através da convivência com algumas famílias. As Entrevistas semiestruturadas – guiadas por perguntas-chave, porém não fechadas – visaram estimular o entrevistado a falar abertamente sobre o tema. A técnica da listagem livre foi utilizada para identificar os produtos com maior importância cultural na localidade.

Resultados e Discussão

A produção agrícola está inserida no sistema de produção de 40% das famílias entrevistadas na Comunidade Quilombola do Baixo Acaraqui. Essa produção desempenha um papel complementar às demais estratégias de subsistência desenvolvidas pelas famílias. Tais estratégias dizem respeito ao desenvolvimento de outras atividades concomitantes dentro da unidade de produção e que, assim como a roça, contribuem na produção de gêneros alimentícios destinados ao autoconsumo e geração de renda. Dentre as interações, a coleta do açaí é a principal atividade



desenvolvida conjuntamente com a roça realizada por 20 % das famílias, seguido pela pesca e pela produção de carvão, 12% e 8% respectivamente.

As espécies agrícolas comumente cultivadas pelas famílias são a mandioca, o milho, o maxixe e a melancia. Alguns relataram também o cultivo do gergelim, da macaxeira, do jerimum ou abóbora, da batata, do feijão e do arroz, porém de maneira esporádica e em declínio. Dentre essas espécies cultivadas, a mandioca é o “carro forte” da produção devido à sua alternatividade, sendo seus produtos destinados tanto para o autoconsumo quanto para a comercialização e/ou socialização (troca e venda) entre parentes, vizinhos e amigos. A farinha, seu subproduto, é um dos elementos que compõem a base alimentar das famílias locais, fazendo-se presente em todas as refeições, desde o café da manhã, nas merendas da manhã e da tarde; no almoço e no jantar tanto *in natura*, como acompanhamento ou misturado ao açaí.

A produção de mandioca voltada, principalmente, para a produção de farinha, apresenta-se como estratégia primordial para a garantia do sustento e da alimentação da unidade familiar, considerando que seu consumo faz parte do cotidiano, dos costumes e, portanto, adquire alto valor cultural nas práticas alimentares locais. O comentário abaixo demonstra a importância da roça - destacando tanto a importância da mandioca quanto de outros produtos, como o milho - nas estratégias de produção, consumo e comercialização na localidade:

P: O que o senhor tem no seu roçado? Na roça?

E1: milho, maxixe, antes plantava arroz [...], melancia, batata, mandioca também. Às vezes o feijão a gente planta. Mas mesmo é a mandioca que a gente planta. O milho é pra criação, às vezes a gente apanha, “vez” a gente come, quando dá pra vender a gente vende.

A referência e a procura por um produto de qualidade e a capacidade de reconhecê-lo também foi observada. A fala da entrevistada E2, abaixo, faz referência a uma “farinha assim torradinha” como produto almejado por sua irmã que mora na cidade e a razão pela preferência por sua compra da comunidade:

P: Qual o destino da farinha?

E2: Olha a gente come né, também eu vendo, eu tenho uma irmã, que nem pense, quando ta pra terminar ela manda me dizer pra eu mandar farinha pra ela, que ela gosta da farinha assim torradinha.

Murrieta (2001, p. 55) comenta sobre a capacidade de reconhecer a qualidade da farinha relacionando a aspectos como sabor, textura, crocância e cor. Estas características são elementos importantes na escolha e na decisão na hora de comprar o produto, que adquire características de essencialidade na alimentação tanto na localidade estudada quanto para a população amazônica. Observa-se também a produção destinada para a alimentação dos animais domésticos (milho, principalmente) como uma função importante das roças e nas estratégias locais, uma vez, que esses animais são destinados tanto para o consumo familiar quanto



para a comercialização – entre amigos, parentes e vizinhos – evidenciando que tanto a alimentação animal quanto a humana se baseiam nos cultivos feitos pela família na roça.

O milho a gente tira pro consumo da galinha, quando ta verde a gente faz um mingau, come assado. Quando seca a gente tira pro consumo das galinhas, até tem ali na saca (E3, lavrador e pescador).

Entretanto, o aumento na valorização de alguns produtos tem acarretado em mudanças nas estratégias locais. As famílias têm optado em investir em espécies agrícolas com maior valor de mercado (mandioca e maxixe), acarretando em especialização da produção e na redução da diversidade de espécies nas roças, refletindo em redução na diversidade alimentar e da autonomia das famílias, cada vez mais dependentes do mercado local.

Naquela época era difícil de vender as coisas. Não é que nem agora, que você leva mil pencas de maxixe e você vende rapidinho; a um real é mil reais que você faz [...] agora que tudo que você leva pra Abaeté você vende, consegue vender (E4, lavrador e pescador).

A mão de obra empregada na roça é basicamente familiar, desenvolvida, principalmente, pelos pais e filhos. Entretanto, observou-se o papel importante desenvolvido pelas mulheres, principalmente, no plantio, limpeza do terreno, colheita e no beneficiamento da mandioca. Essa divisão do trabalho é de essencial no cumprimento das estratégias de reprodução e alimentação local. Enquanto a mulher trabalha na roça, o marido desenvolve outras atividades (fabricação do carvão, pesca, apanhação do açaí, comercialização da produção, entre outros).

Neste contexto, podemos observar a importância da diversidade das práticas desenvolvidas pelas famílias (extrativismo vegetal, pesca, criação de animais, agricultura) na garantia do acesso a uma alimentação digna e na geração de renda. Esta realidade demonstra uma elencada rede de decisões que as famílias desenvolvem visando à continuidade do seu modo de vida, a fixação no território em questão e a reprodução social, econômica e cultural da unidade familiar.

Conclusões

As estratégias de produção e acesso aos alimentos têm como foco principal a subsistência, desenvolvidas através da diversificação de práticas (caça, pesca, extrativismo e produção agrícola). Dentre essas estratégias as roças são destinadas para a produção agrícola tendo como espécies cultivadas de maior relevância a mandioca, o feijão e o arroz. Essa produção tem elevada importância na promoção da segurança alimentar das famílias locais, promovendo o acesso a alimentos em quantidade, qualidade e que são culturalmente aceitos.



A elevação do valor comercial de alguns produtos (principalmente do açaí, da farinha e do maxixe) demonstra impacto nas estratégias produtivas locais. As famílias deram ênfase para a produção de produtos de maior interesse econômico, acarretando em: maior especificação da produção agrícola e redução diversidade da produção, tornando a produção mais instável frente às flutuações do mercado local.

Embora essa nova realidade tenha diminuído a autossuficiência das famílias, as roças, conjuntamente as demais práticas desenvolvidas (extrativismo vegetal, pesca, criação de animais) ainda representam um importante meio de acesso a alimentação e de renda para as famílias locais, possibilitando sua manutenção na localidade e a reprodução social, cultural e econômica das famílias.

Referências bibliográficas

ACEVEDO MARIN, R. E.; CASTRO, E. M. R. **No caminho de pedras de Abacatal: experiência social de grupos negros no Pará.** Belém: NAEA/UFGA, 2. ed. 2004.

ACEVEDO MARIN, R.; CASTRO, E. **Negros do Trombetas: guardiães de matas e rios.** 2. ed. Belém: Cejup/UFGA/NAEA, 1998.

BRONDÍZIO, E., S.; NEVES, W. A. **Populações caboclas do estuário do Amazonas: a percepção do ambiente natural.** In: PAVAN, C. (org.) **Uma estratégia Latino Americana para Amazônia.** São Paulo: Editora UNESP. Vol. 1, 1997.

GARCIA JR., A. R. **Trabalho da Terra: trabalho familiar de pequenos produtores.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GRISA, C.; SCHNEIDER, S. "Plantar pro gasto": a importância do autoconsumo em famílias de agricultores do Rio Grande do Sul. **RER**, Piracicaba, SP, vol. 46, nº 02, 2008.

HEREDIA, B. M. A de. **A morada da vida: trabalho familiar de pequenos produtores no Nordeste do Brasil.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

ITERPA. **Plano de utilização da comunidade remanescente de quilombo da ARQUIA.** ITERPA/DEAF/CPE/GCQ. 2010.

POULAIN, J.; PROENÇA, R. P. C. Reflexões metodológicas para o estudo das práticas alimentares. **Revista de Nutrição**, Campinas, 16, out/dez, 2003.

MURRIETA, R. S. S. **Dialética do sabor: alimentação, ecologia e vida cotidiana em comunidades ribeirinhas da Ilha de Ituqui, Baixo Amazonas, Pará.** **Revista de Antropologia.** São Paulo, v. 44 nº 2, 2001.

XI CBA
Congresso
Brasileiro de
Agroecologia

Ecologia de Saberes:
Ciência, Cultura e Arte na
Democratização dos
Sistemas Agroalimentares



SANTOS, R. S., COELHO-FERREIRA, M. Estudo etnobotânico de *Mauritia flexuosa* L. f. (Arecaceae) em comunidades ribeirinhas do Município de Abaetetuba, Pará, Brasil. **Acta Amazonica**. vol. 42(1), 2012.